

# THE CAMBRIDGE COMPANION TO AQUINAS

de Norman Kretzmann e Eleonore Stump

**KRETZMANN, Norman; STUMP, Eleonore (ed.). *The Cambridge Companion to Aquinas*. New York: Cambridge University Press, 2008, 302 p.**

Seguindo a estrutura dos outros volumes da coleção *Cambridge Companion*, *The Cambridge Companion to Aquinas* é composto por um conjunto de ensaios, assinados por importantes nomes dos estudos sobre São Tomás, dentre os quais se encontram Jan Aertsen, John Wippel, Pe. Joseph Owens, Mark Jordan e Eleonore Stump.

Mas, não obstante a variedade de aspectos a respeito dos quais esses autores se ocupam — da metafísica à exegética, passando pela Filosofia da mente e do conhecimento —, há um único programa que anima os dez ensaios constituintes deste livro: “[...] banir um obstáculo aparentemente familiar para uma compreensão melhor do valor de Aquino como filósofo”.

Esse obstáculo seria, precisamente, não perceber no tomismo nada além de uma Teologia. É inegável que São Tomás foi um teólogo, ou, como ele próprio se definia, um mestre da “sagrada doutrina”. Contudo, a Obra do Aquinate, como afirma Aertsen, fazendo-se portavoz da idéia geral que guia esta coletânea, “é mais complexa que o termo ‘Teologia’ sugere”. Essa ressalva tem uma razão e um destinatário precisos: ela se

dirige a certa tradição hegemônica, durante décadas, no campo dos estudos sobre o tomismo, que insistia na preponderância da Teologia sobre a Filosofia no interior do pensamento do Doutor Angélico.

Para o *The Cambridge Companion to Aquinas*, trata-se, portanto, de promover o reconhecimento do valor de São Tomás como filósofo, revelando as riquezas da sua Obra para além do campo da Teologia.

Reconhecer o valor da Filosofia Tomista não significa minimizar a influência da tradição cristã no pensamento de São Tomás, nem, tampouco, negar aquilo que há de Teologia em sua Obra. Mas significa, fundamentalmente, entender que as relações entre Filosofia e Teologia, no âmbito da experiência intelectual do Aquinate, são muito mais complexas do que se imaginava.

Com efeito, segundo Aertsen, a Filosofia, para São Tomás, não se reduz a um setor privilegiado da Teologia, mas, antes, constitui um campo com métodos e objetivos específicos, que, todavia, se relaciona harmonicamente com a Teologia, já que tanto à luz da razão natural, quanto à luz da fé, provém de uma única

e mesma fonte que é Deus, autor da revelação e, ao mesmo tempo, criador do intelecto humano. Além disso, segundo o estudioso, o Aquinate concede à Filosofia uma posição primeira e fundamental frente à Teologia, pois, como se lê na *Summa Teológica*, “a fé pressupõe o conhecimento natural, como a graça pressupõe a natureza”. Nesse sentido, a razão natural torna-se o elemento sobre o qual a Graça pode exercer sua ação transformadora, fortificando e aprimorando a reflexão filosófica.

Percebe-se, por tudo isso, que é possível constituir uma verdadeira reflexão teológica a partir de questões originalmente provenientes do campo da Filosofia, ou seja, da razão natural. É essa a hipótese defendida por Wippel, em seu ensaio sobre a metafísica de São Tomás. Para o estudioso, há em São Tomás duas Teologias: uma baseada na revelação, que tem Deus como seu tema (*subject*) e cujos princípios dependem da crença nas Escrituras; e outra Teologia, a qual se confunde com a Filosofia enquanto metafísica ou ciência divina, que parte da razão natural, alcançando Deus indiretamente, na medida em que O encontra como causa daquilo que constitui seu tema (*subject*) próprio, o ser enquanto ser. Assim, do mesmo modo como existe harmonia entre fé e razão natural, deve haver harmonia entre ambas as formas de Teologia.

Afirmações como essas implicam numa profunda reorientação da leitura que até então era feita da Obra de São To-

más. A partir delas, podem-se compreender melhor os motivos pelos quais o Aquinate se dedicou tão seriamente ao estudo da tradição filosófica, tanto do aristotelismo quanto do platonismo, desenvolvendo, a partir dos seus numerosos comentários e traduções de Aristóteles, Proclus e outros, o seu próprio programa filosófico, cuja relevância e atualidade para os debates contemporâneos estão apenas começando a ser redescobertos.

*Fábio Luís Franco, USP*